



Universidades Lusíada

Costa, Ana Carina de Brito

O impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes

<http://hdl.handle.net/11067/6063>

Metadados

Data de Publicação

2021

Resumo

Pouco se sabe sobre o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida geral da população jovem. Embora os jovens pareçam ser menos vulneráveis ao COVID-19, os efeitos colaterais da pandemia podem ser devastadores. Consequentemente, este estudo tem como objetivo analisar o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes. Participaram, neste estudo, 593 adolescentes, em que 52,1% são do género feminino e 47,9% são do género masculino, a frequentar o 7º ano de escolarida...

Abstract: Little is known about the impact of the COVID-19 pandemic on the overall life satisfaction of the young population. While young people appear to be less vulnerable to COVID-19, the side effects of the pandemic can be devastating. Consequently, this study aims to analyse the impact of the COVID-19 pandemic on life satisfaction in adolescents. A total of 593 adolescents participated in this study, of which 52.1% are female and 47.9% are male, attending the 7th year of schooling, belongi...

Palavras Chave

Psicologia clínica, Pandemia COVID-19, Adolescentes

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:20:52Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada - Norte
Porto

O Impacto da Pandemia COVID-19 na Satisfação com a Vida em Adolescentes

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2021

Ana Carina de Brito Costa



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Universidade Lusíada - Norte
Porto

O Impacto da Pandemia COVID-19 na Satisfação com a Vida em Adolescentes

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2021

Ana Carina de Brito Costa

Trabalho efectuado sob a orientação do/a
Professora Doutora Ana Meireles



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Agradecimentos

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa)

A ti, meu filho, que tornas tudo possível.

És o meu grande amor Vasco, isto é por ti.

A ti, Diogo, obrigada do fundo do meu coração.

A ti, minha Mãe, que és o meu apoio incondicional.

A ti Pai.

Francisca, nunca esquecerei.

Esta investigação marca o final de um longo percurso extremamente importante na minha vida. No entanto, sempre que se chega ao final de uma etapa, inicia-se outra e neste caso, este final traz consigo o início de um grande sonho, tornar-me mestre em Psicologia. Contudo, todo este percurso não seria possível sem a presença de algumas pessoas importantes que me acompanharam e apoiaram, a quem deixo os meus sinceros agradecimentos, pessoas essas que ficarão para sempre no meu coração.

Ao meu marido Diogo, que foi essencial para a concretização deste sonho.

Ao meu filho Vasco, ao meu amado menino que me faz tão feliz.

À minha querida mãe, que nunca me faltou. Que sempre me acarinhou e incentivou. Obrigada Mãe, nunca me senti tão concretizada e amada.

Ao meu pai, que sempre me disse que o sonho comanda a vida.

À minha irmã Francisca, por tanto e por tudo. Serei sempre grata por toda a ajuda, disponibilidade e tranquilidade.

Ao meu irmão Pedro, pela motivação que me transmitiu sem se aperceber que o fazia.

Aos restantes familiares, o meu obrigada, amo-vos.

À minha amiga Paula Jesus, que foi a minha guia, a minha luz, que me ajudou, reconfortou e não me deixou desistir.

Ao meu caro colega, Cláudio Soares, que foi incansável, o meu obrigado.

À Professora Joana Oliveira devo o carinho em todos os momentos e a sua dedicação sempre que foi necessária.

Ao Professor Paulo Moreira, agradeço a honra e o privilégio de o ter como professor.

À Professora Ana Meireles, agradeço-lhe por ter sido uma orientadora atenta, calorosa, incansável e profissional.

E a todos os restantes professores, o meu obrigada, ficarão para sempre no meu coração.

Ao Doutor Carlos Peixoto, o meu obrigada por todo o apoio e orientação.

Índice

Introdução	9
Bem-Estar	10
Bem-Estar subjetivo.....	12
Satisfação com a vida.....	14
Satisfação com a vida na adolescência	16
Impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes.....	19
Objetivos e hipóteses de investigação.....	20
Metodologia	21
Tipo de estudo.....	21
Participantes.....	21
Instrumentos.....	21
Questionário sociodemográfico	21
Escala Breve de Satisfação com a Vida (EBSV).....	21
Procedimento de análise de dados	23
Resultados	23
Discussão dos resultados.....	25
Limitações.....	28
Considerações éticas	29
Conclusão.....	29
Referências Bibliográficas	31

Índice de tabelas

TABELA 1.....	24
TABELA 2.....	25

Abstract

Little is known about the impact of the COVID-19 pandemic on the overall life satisfaction of the young population. While young people appear to be less vulnerable to COVID-19, the side effects of the pandemic can be devastating. Consequently, this study aims to analyse the impact of the COVID-19 pandemic on life satisfaction in adolescents. A total of 593 adolescents participated in this study, of which 52.1% are female and 47.9% are male, attending the 7th year of schooling, belonging to schools throughout the country. To assess these adolescents' life satisfaction, the Brief Life Satisfaction Scale was administered, in a Portuguese adaptation process, in two data collection moments, before and during the COVID-19 pandemic. It was possible to verify significantly higher values of satisfaction with life, in the second stage of data collection, by the young participants in the study, thus verifying the considerable impact of the COVID-19 pandemic on life satisfaction in adolescents.

Keywords: COVID-19 pandemic; satisfaction with life; adolescence.

Resumo

Pouco se sabe sobre o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida geral da população jovem. Embora os jovens pareçam ser menos vulneráveis ao COVID-19, os efeitos colaterais da pandemia podem ser devastadores. Conseqüentemente, este estudo tem como objetivo analisar o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes. Participaram, neste estudo, 593 adolescentes, em que 52,1% são do gênero feminino e 47,9% são do gênero masculino, a frequentar o 7º ano de escolaridade, pertencentes a escolas de todo o território nacional. Para avaliar a satisfação com a vida destes adolescentes, foi administrada a Escala Breve de Satisfação com a Vida, em processo de adaptação portuguesa, em dois momentos de recolha de dados, antes e durante a pandemia COVID-19. Foi possível verificar valores significativamente mais elevados de satisfação com a vida, no segundo momento de recolha de dados, por parte dos jovens participantes no estudo, verificando-se assim o impacto considerável da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes.

Palavras-chave: Pandemia COVID-19, satisfação com a vida, adolescência.

Introdução

A doença Coronavírus de 2019, conhecida por COVID-19 teve início em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, propagando-se rapidamente por todo mundo, levando os sistemas de saúde à beira da rutura (Huang et al., 2020; Lu et al., 2020; World Health Organization [WHO], 2020). A Organização Mundial da Saúde declarou como Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional em janeiro de 2020, declarando uma 'pandemia' em 11 de março de 2020. Em 16 de dezembro de 2020, um número total de 71.581.532 casos confirmados globais de COVID-19 com 496.156 novos casos e um total de 1.618.374 mortes em todo o mundo foram relatados (WHO, 2020). Foram impostas medidas sanitárias de controlo do contágio para garantir a proteção da população, desacelerar a tendência crescente de transmissão e impedir o colapso dos serviços de saúde, traduzindo-se assim em restrições severas à população em geral (Li et al., 2020).

A pandemia não resultou apenas em mortes em todo o mundo, mas também representa uma séria ameaça à saúde mental, como ansiedade e medo, sofrimento psicológico, distúrbios do sono, entre outros (Feng et al., 2020; Lee et al., 2020). Especificamente, segundo a WHO (2020), o encerramento das instituições de ensino como iniciativa para a contenção de casos da COVID-19 retirou muitos jovens das escolas. Escolas fechadas, exames e provas adiados, suspensão da conclusão de ciclos ou períodos escolares e o confinamento em casa causam uma interrupção nas rotinas e pode gerar nos adolescentes medos, incertezas, ansiedades, distanciamento social dos pares ou amigos, aspetos que afetam a qualidade de vida e a satisfação com a vida, sendo esta utilizada como um indicador de bem-estar geral dos indivíduos (Diener et al., 1985), além de aumentar a vulnerabilidade em várias outras dimensões (WHO, 2020).

Bem-Estar

O estudo científico do bem-estar foi desenvolvido como uma resposta à ênfase nos estados negativos na psicologia (Diener et al., 1999). Não existe uma definição universal de bem-estar, porém os investigadores concordam que é uma condição emocional de longa duração que reflete o nível de satisfação com a vida de um indivíduo (Šolcová & Kebza, 2013). O bem-estar pode ser entendido em termos de funcionamento psicológico e de experiência, e é uma condição positiva e sustentável que permite aos indivíduos prosperar e florescer (Huppert et al., 2005). Além disso, o bem-estar também é visto e medido em termos de seus componentes cognitivos, emocionais, sociais e culturais (Šolcová & Kebza, 2013).

O bem-estar tem vindo a ser estudado sob as perspetivas objetiva e subjetiva. Enquanto a primeira se foca em aspetos externos e quantificáveis, como o nível socioeconómico e o acesso a serviços de saúde e a oportunidades recreativas, a perspetiva subjetiva foca-se nas avaliações pessoais das circunstâncias de vida (Huebner, 2004). Esta perspetiva afigura-se como mais vantajosa, dado que os julgamentos de satisfação tendem a correlacionar-se mais com as medidas de bem-estar subjetivo do que as condições objetivas de vida da pessoa (Diener, 1984). Além disto, as pessoas reagem de forma diferente a circunstâncias semelhantes, avaliando as suas condições de vida com base nas suas expectativas, valores e experiências (Diener et al., 1999).

Uma conceptualização inicial de bem-estar foi desenvolvida por Ryff (1989), que propôs uma estrutura teórica integrada de bem-estar com base numa extensa revisão da literatura. Neste modelo, Ryff utilizou emprestado o termo "bem-estar psicológico" de Bradburn (1969) e substituiu por "equilíbrio afetivo" tendo em consideração seis dimensões básicas de bem-estar: autoaceitação, relações positivas, autonomia, domínio ambiental, propósito na vida e crescimento pessoal. Sen (2000) afirmou posteriormente que um conceito de bem-estar deve levar em conta sentimentos e avaliações, bem como o funcionamento

humano. Na taxonomia de florescimento de Keyes (2002, 2006), termo utilizado para se referir ao bem-estar, este operacionalizou a saúde mental como uma síndrome de sintomas tanto de sentimentos positivos quanto de funcionamento positivo na vida, diferenciando-se assim das conceptualizações de outros investigadores. Keyes (2002) também combinou bem-estar emocional (satisfação com a vida), bem-estar psicológico (as seis dimensões de Ryff) e bem-estar social funcional (identificando cinco dimensões). Seligman (2011), na sua teoria do bem-estar contém cinco elementos: emoções positivas, *engajamento*, relacionamentos, significado e realização. Esta teoria difere da maioria das outras teorias pois o autor: 1) introduziu uma preocupação com a realização em oposição à competência, e 2) considera emoções e satisfação como praticamente sobrepostas, alegando que nenhuma é particularmente importante para o bem-estar (Holte et al., 2014).

O estudo do bem-estar subdivide-se em duas perspetivas: hedónica e eudemónica (Maddux, 2018). A diferença entre estas reside na forma de como são concetualizadas, sendo que a perspetiva eudemónica considera que o bem-estar advém da maximização do exercício das capacidades humanas (Haybron, 2008) enquanto a perspetiva hedónica enfatiza sentimentos de prazer ou felicidade, enfoca a maneira como os indivíduos percecionam as suas vidas e afirma que o bem-estar engloba a felicidade subjetiva (Keyes, 2006; Ryan & Deci, 2001), sendo nesta abordagem também introduzido o conceito de bem-estar subjetivo.

Segundo o Dicionário de Psicologia da American Psychological Association (APA, 2015), a perspetiva hedónica é a conceptualização validada. Assim sendo, o bem-estar subjetivo é definido como a avaliação subjetiva que um sujeito faz sobre a qualidade da sua vida e nível de felicidade conforme os seus próprios critérios (APA, 2015; Diener et al., 2018).

Bem-Estar subjetivo

O Bem-Estar Subjetivo é considerado um fenómeno amplo que inclui respostas emocionais e julgamentos globais sobre a Satisfação com a Vida (Diener, 1984; Diener et al., 1999).

Psicólogos pioneiros no estudo científico da felicidade propuseram o termo bem-estar subjetivo, (Diener, 1984; Kesebir & Diener, 2008), sendo este um construto multidimensional que se refere aos vários tipos de avaliações, tanto positivas quanto negativas, que as pessoas fazem das suas vidas (Diener, 2006). Especificamente, foi descrito como as reações avaliativas de um indivíduo à sua vida em termos de julgamentos globais e específicos de domínio de satisfação com a vida (avaliações cognitivas) ou afeto (respostas emocionais contínuas formadas por emoções positivas e negativas) (Çivitci & Çivitci, 2009; Diener & Diener, 1995; Diener et al., 1999).

Nesta perspetiva, o bem-estar em adultos pode ser definido como um modelo tripartido, que engloba três componentes interrelacionados, que formam um construto global: Afeto Positivo, Afeto Negativo e Satisfação com a Vida (Diener et al., 1997; Oishi et al., 1999; Woyciekoski et al., 2014). A literatura sugere que existe um constructo multidimensional semelhante de bem-estar para adolescentes (Huebner & Dew, 1996). Este modelo consiste na avaliação que o indivíduo faz em relação à sua vida tendo em conta aquilo que ele pensa sobre a mesma, sobre a qualidade das suas experiências (Arita et al., 2005), assim como as necessidades pessoais (Galinha & Ribeiro, 2008), procurando preferencialmente experiências de prazer. Centrando-se essencialmente na vivência de sentimentos prazerosos e na ausência de sofrimento, assim como na procura entre um equilíbrio de sentimentos, ou seja, um equilíbrio entre o Afeto Positivo e o Afeto Negativo (Diener, 1984; Diener et al., 1997; Diener, 2000; Galinha & Ribeiro, 2008).

A noção de Bem-estar subjetivo está intimamente ligada à satisfação com diferentes áreas da vida, e com uma avaliação mais abrangente, chamada Satisfação Global com a Vida (Figuer et al., 2004). Para Campbell, Converse e Rodgers (1976) esses processos podem ser medidos por meio de questões de satisfação, de forma que, segundo Cummins, Eckersley, Van Pallant, Van Vugt e Misajon (2003), a essência do bem-estar subjetivo é referido de forma a melhorar as avaliações que uma pessoa faz sobre a satisfação com sua vida. Diener (2006) considera que o bem-estar subjetivo se refere a vários tipos de opiniões, boas ou más, que as pessoas têm sobre as suas vidas, incluindo avaliações cognitivas, como satisfação no trabalho e com a vida, interesse e comprometimento, bem como reações afetivas à vida, eventos como alegrias e tristezas. Petito e Cummins (2000) entendem o bem-estar como a avaliação individual que uma pessoa faz da sua qualidade de vida, que é composta por dois componentes: o primeiro é a satisfação com a vida, que implica uma avaliação cognitiva, e o segundo é emocional e envolve sentimentos e humor.

Segundo Diener (1984), existe um forte consenso relacionado com três características básicas do bem-estar subjetivo: 1) construção a partir das experiências de cada pessoa e da percepção e avaliação de tais experiências, 2) dimensões positivas e não apenas a ausência de negativas e 3) avaliações globais de vida. Concebendo assim que o bem-estar subjetivo é composto por três dimensões interrelacionadas: afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida (Diener & Suh, 1997; Pavot & Diener, 1993). Outros autores consideram o componente felicidade (Casas, 2010).

Em suma, a satisfação com a vida é entendida como uma avaliação global da pessoa sobre a qualidade de sua vida diante das suas circunstâncias (Seligson et al., 2003) que dá conta do grau em que uma pessoa avalia positivamente a sua vida de uma forma global (Veenhoven, 1994), ou com referência a domínios específicos, como família, amigos ou

escola (Huebner, 2004; Seligson et al., 2005), em relação a um estado presente (Veenhoven, 1994).

Satisfação com a vida

Entre os componentes do bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida foi identificada como um construto distinto que representa uma avaliação cognitiva e global da vida de uma pessoa (Pavot & Diener, 1993). Embora a satisfação com a vida esteja correlacionada com os componentes afetivos do bem-estar subjetivo, ela constitui um fator separado dos outros tipos de bem-estar (Lucas et al., 1996). É o aspecto mais estável do bem-estar subjetivo, sendo que os indivíduos com alto bem-estar subjetivo geralmente relatam maior satisfação com a vida (Suldo & Huebner, 2006).

Considerando que a felicidade pode ser entendida como um reflexo de uma experiência de curto prazo de humor positivo (Helliwell & Putnam, 2005), sendo esta também avaliada pela perspectiva do próprio sujeito, pelas suas experiências pessoais e aspectos particulares, tratando-se assim de uma avaliação subjetiva (Giacomoni, 2004), a satisfação com a vida compreende uma avaliação a longo prazo da vida de uma pessoa como um todo (Diener, 1984). Sendo este conceito designado como uma avaliação cognitiva global que as pessoas fazem quando consideram o seu contentamento com a vida na sua globalidade ou no que diz respeito a domínios específicos (ou seja, família, amigos e ambiente de vida) (Suldo et al., 2008), incluindo assim, informações de domínios importantes na vida de um indivíduo, e fornecendo um julgamento integrado. Geralmente, a satisfação com a vida e a satisfação com o domínio mostram uma correlação substancial (Pavot & Diener, 2008). Este julgamento auto-avaliativo compreende expectativas de futuro, contemplando assim uma certa estabilidade, não dependendo unicamente do estado emocional do indivíduo no momento da avaliação (Diener, 2000).

Diener (1984), define a satisfação com a vida como o julgamento cognitivo que a pessoa faz da sua própria vida. Tradicionalmente, a satisfação com a vida referia-se a uma comparação racional do que as pessoas têm, do que pensam que merecem, esperam ou que podem razoavelmente desejar (Campbell et al., 1976), sendo este um processo de avaliação que depende de critérios definidos pela pessoa, tratando-se assim de um juízo subjetivo (Pavot et al., 1991). Neste sentido, diferentes pessoas reagem de diferentes formas à mesma circunstância, pois avaliam as suas condições com base nas suas próprias expectativas, valores e experiências prévias (Diener et al., 1985). Assim sendo, a pessoa sente maior satisfação com a vida na medida em que julga que as suas condições de vida se aproximam de um padrão desejável (Pavot & Diener, 1993).

Na perspectiva de Diener (1984), a satisfação com a vida é considerada um construto unidimensional, relativamente consistente ao longo do tempo e em diversos contextos, mas sensível a mudanças nas circunstâncias de vida da pessoa. Pressupõe, então, que exista um nível de satisfação global com a vida, separado da satisfação com os diversos domínios específicos (como a família, os amigos e a escola, por exemplo). Porém, outros autores, conceptualizam a satisfação com a vida como um construto multidimensional, considerando assim como mais adequado avaliá-la especificamente nos diversos domínios de vida, sendo o resultado global a soma dos resultados obtidos nas diversas escalas (Huebner, 1994). No entanto, os instrumentos baseados no modelo unidimensional são mais úteis para descrever e comparar a satisfação com a vida em diferentes grupos (Bender, 1997), além disso, permitem ao próprio participante ponderar as diferentes áreas da sua vida, atribuindo-lhes a importância que desejar na sua avaliação da satisfação com a vida, motivo pelo qual se prefere este modelo neste estudo.

Satisfação com a vida na adolescência

A adolescência remete-nos para um período de mudança do ser humano algures entre a infância e a vida adulta (Berryman et al., 2002; Cloninger, 2003; Fonseca, 2004). Sendo este um período caracterizado por transformações dramáticas e de importantes diferenças nas fases do desenvolvimento que progredem rumo a uma relação de interdependência e contribuem para a formação da idade adulta (Carvalho, 2007; Steineberg, 1990).

Esta fase desenvolvimental só poderá compreender-se considerando os aspetos físicos, cognitivos, psicológicos, sócio-culturais e económicos, sendo que coexistem, nesta etapa, desejos contraditórios de crescer e de regredir, de se sentir ainda criança e já adulto, de autonomia e de dependência, de ligação ao passado e de vontade de se projetar no futuro (Claes, 1990). É um período diferente e especial, que se associa, por vezes a algum desajustamento e perda de bem-estar psicológico, até porque “a adolescência vai pôr tudo em causa e, sob o ponto de vista da saúde mental, é a última oportunidade para uma entrada saudável na vida adulta” (Sampaio, 1996).

Em suma, esta etapa do desenvolvimento humano é dotada de alterações profundas sejam; de ordem biológica, despoletadas pela puberdade que intervém diretamente com o crescimento e com as várias transformações a nível corporal; de nível cognitivo, uma vez que, gradualmente, a capacidade de raciocínio vai-se tornando mais elaborada; em termos psicológicos verifica-se uma autonomização, paralelamente, à formação da identidade e no domínio social assume-se a execução de novos papéis (Fonseca, 2005).

Tem havido muito mais interesse em estudar a satisfação com a vida de adultos do que em grupos de idades mais jovens. Enquanto a satisfação com a vida foi estudada extensivamente em adultos (Diener et al., 1999), estudos sobre satisfação com a vida em população de adolescentes surgiram há relativamente pouco tempo (Huebner et al., 2004).

A satisfação com a vida em adolescentes está relacionada com uma diversidade de variáveis importantes para seu funcionamento adaptativo (Huebner et al, 2004), sendo que, elevados níveis de satisfação com a vida podem ser interpretados como um indicador de adaptação (Cenkseven-Önder, 2012). Este componente do bem-estar subjetivo deve ser considerado importante e como fator protetor associado ao desenvolvimento ótimo nos adolescentes (Antaramian et al., 2008; Gadermann et al., 2010). Deste modo, a investigação tem demonstrado que os jovens com elevada satisfação com a vida tendem também a ter um autoconceito positivo, elevados níveis de autoeficácia, de otimismo, baixos níveis de depressão (Gadermann et al., 2010), mais relações positivas com os pares e pais, menores níveis de ansiedade, níveis mais elevados de esperança, e uma maior percepção de controle (Gilman & Huebner, 2006). Assim, a satisfação com a vida, além de importante por si só, reflete ou determina resultados adaptativos (Gilman & Huebner, 2006).

As pessoas têm crenças gerais sobre suas vidas, que refletem a sua satisfação com a mesma (Pavot et al., 1991). Para os adolescentes superarem os obstáculos próprios do desenvolvimento e para estabelecerem capacidades positivas para abordarem potenciais problemas, é importante que estejam satisfeitos com as suas vidas (Çivitçi, 2014). Esta satisfação estimula os jovens a descobrir o mundo e a vida ao seu redor, a empenhar-se pelo desenvolvimento pessoal e a enfrentar as dificuldades (Park, 2004).

Na adolescência, a Satisfação com a Vida está muito relacionada com a discrepância percebida entre as suas aspirações (expetativas de futuro quer por influencias familiares, quer por iniciativa própria, quer por influencia dos pares ou influencia cultural) (Silva et al., 2010) e por outro lado, está relacionada com vários aspetos da sua qualidade de vida relacionada com a saúde e da sua competência para se relacionar com os outros, com a facilidade em criar relações de amizade sólidas e de qualidade (Gaspar & Matos, 2008).

A auto-avaliação da Satisfação com a Vida em adolescentes é também influenciada pelas experiências de vida, experiências essas positivas ou negativas (Gilman & Huebner, 2003). Os relatos sobre a Satisfação com a Vida podem assim variar ao longo do tempo, dependendo das circunstâncias da vida (Gilman & Huebner, 2003). Naturalmente, os julgamentos auto-avaliativos mudam com a passagem do tempo, concluindo-se assim que, para além do construto Satisfação com a Vida ser multidimensional, é também dinâmico (Albuquerque & Tróccoli, 2004).

A maior parte das pesquisas sobre o bem-estar do adolescente concentra-se principalmente na identificação de preditores, causas e correlatos da satisfação com a vida. Investigadores identificaram várias classes de variáveis (especificamente fatores interpessoais, ambientais e intrapessoais) que estão correlacionadas com a satisfação com a vida do adolescente. A literatura revela que a satisfação com a vida na adolescência é influenciada por fatores pessoais como traços de personalidade, temperamento, autoestima e controle interno, bem como pelas relações familiares e de pares (Forste & Moore, 2012). Algumas das características internas que mostram as correlações mais elevadas são controle pessoal, autoeficácia, interesse social, desempenho escolar, comportamentos instrumentais significativos e perturbações internalizantes e externalizantes (Suldo & Huebner, 2004). Além disso, a qualidade dos ambientes domésticos e escolares dos adolescentes, fatores situacionais (McCullough et al., 2000), relacionamentos (Schwarzer et al., 2004) e estilo parental (Suldo & Huebner, 2004) também foram identificados como influenciadores na satisfação com a vida (Huebner et al., 2004). Outros fatores associados à satisfação com a vida na adolescência são a cultura (Park & Huebner, 2005), perturbações alimentares e obesidade (Forste & Moore, 2012) e psicopatologia, como depressão (Suldo & Huebner, 2004).

Em contraste, a maioria dos estudos concluem que as variáveis demográficas, como idade, gênero, raça, estado socioeconômico (Ash & Huebner, 2001; Gilman & Huebner, 2000) e saúde física (Langeveld et al., 1999) apresentam pouca relevância face à satisfação com a vida durante a adolescência.

Impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes

Atualmente, com a pandemia COVID-19 e o distanciamento físico sendo imposto por governos em todo o mundo, a sociedade iniciou um período de redução intensa e generalizada do contato social face a face. Foi um período particularmente desafiador, durante o qual muitas atividades diárias foram repentinamente interrompidas, com consequências negativas para o bem-estar psicológico (OMS, 2020).

Rogowska, Kuśnierz, e Bokszczanin (2020) sugeriram que as principais mudanças nas rotinas e práticas diárias, bem como no estilo de vida, são necessárias para reduzir as taxas de infecção nas comunidades. Mudanças como a nova prática do uso de máscaras faciais, lavar as mãos, e o distanciamento físico podem afetar significativamente o desenvolvimento de problemas de saúde mental e um aumento de doenças emocionais (ansiedade, depressão, medo e indignação), que se observou ter correlação significativa com a satisfação com a vida (Pedraza et al., 2020; Gori et al., 2020; Zhang et al., 2020; Ye et al., 2020).

Nesta perspectiva foi importante destacar a necessidade urgente de considerar o bem-estar e o desenvolvimento dos adolescentes, sendo que estes estão num período único das suas vidas em que o ambiente social é importante para funções cruciais no desenvolvimento do cérebro, construção do autoconceito e saúde mental. As mudanças na rotina diária prejudicam particularmente crianças e adolescentes (Wang et al., 2020), e isso pode, por sua vez, se tornar um problema crítico de saúde pública no futuro. Além disso, é de ressaltar que os jovens podem vivenciar consequências não apenas de curto, mas também de longo prazo, dos *stressores* do COVID-19, uma vez que apresentam respostas individuais (Figueiredo et

al., 2021).

Estudos realizados mostraram efeitos substanciais e potencialmente de longo prazo da privação social e do isolamento na adolescência, na neuroquímica, no desenvolvimento estrutural do cérebro e nos comportamentos associados a problemas de saúde mental (Orben et al., 2020). Além disso, há pouco conhecimento sobre como as consequências do distanciamento físico comparando-se a outros *stressores* vivenciados por adolescentes durante a pandemia do COVID-19, incluindo pressões económicas, incertezas e perda de eventos públicos que marcam etapas chave da vida e ritos de passagem (Orben et al., 2020). Para além disto, a atenção não deve ser apenas para a característica multifacetada e heterogénea desta pandemia, que adiciona novas questões e desafios para a população, mas também para o fato de que este surto de COVID-19 pode aumentar dificuldades e problemas pré-existentes na vida das pessoas, atingindo o amplo espectro do arcabouço biopsicossocial (Figueiredo et al., 2021).

Objetivos e hipóteses de investigação

A pertinência do estudo decorre da existência de uma pandemia à escala mundial, e da necessidade de compreensão do seu impacto no que diz respeito à saúde mental, mais especificamente na satisfação com a vida experienciada por jovens adolescentes. Desta forma, o principal objetivo é descrever e analisar o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes.

As hipóteses estabelecidas nesta investigação são as seguintes, h0) não existe impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes, h1) existe impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes.

Metodologia

Tipo de estudo

Este é um estudo empírico de metodologia quantitativa e de carácter exploratório e descritivo.

Participantes

Os participantes desta investigação seguiram os seguintes critérios de inclusão: ter o consentimento informado assinado pelos representantes legais de forma a ser autorizado a participação do adolescente; sendo também necessário a pertença ao 7º ano de escolaridade; ter nacionalidade portuguesa e ter participado nos dois momentos de avaliação. A dimensão da amostra deste estudo é de 593 indivíduos.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Para permitir a caracterização da população que participou neste estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico para recolher informação referente à idade, sexo, nacionalidade, escola a que o aluno pertence, tipo de escola, ano do aluno, existência de reprovação, ano em que houve reprovação, com quem vive, escolaridade do pai e mãe, estado civil do pai e mãe, profissão do pai e mãe e rendimento mensal do agregado familiar.

Escala Breve de Satisfação com a Vida (EBSV)

Para aferir a satisfação com a vida, foi usada a Escala Breve de Satisfação com a Vida desenvolvida por Huebner (1997), versão adaptada por Paulo Moreira, com o objetivo de avaliar a satisfação dos indivíduos em diferentes domínios relevantes da sua vida de uma forma breve e subjetiva. Esta escala é assim constituída por seis afirmações, ou, frases que o sujeito tem de assinalar consoante o que considerar mais adequado e de acordo com uma escala de Likert de sete posições, em que o 0 corresponde a “Terrível”, 1 a “Infeliz”, 2 a

“Insatisfatória”, 3 a “Em parte satisfatória e em parte Insatisfatória”, 4 a “Satisfatória “e 5 a “Agradável” e 6 a “Fantástica”. A Escala Breve de Satisfação com a Vida apresenta afirmações como “A minha vida familiar (em termos do grau em que estou satisfeito) é”, “As minhas amizades (em termos do grau em que estou satisfeito) são”, “A minha satisfação com as minhas experiências na escola é”, “A minha satisfação comigo mesmo é”, “A minha satisfação com onde vivo é” e “A minha satisfação com a minha vida em geral é”.

A adaptação da escala à população portuguesa, encontra-se em curso, porém está a ser verificada uma boa consistência interna que justifica a sua adequação e utilização.

Procedimento

Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados ocorreu em dois momentos distintos. Sendo que o primeiro momento decorreu entre abril e junho de 2019, seguindo os seguintes passos: 1) submissão do projeto do CIPD “Mudança no envolvimento dos estudantes com a sustentabilidade global ao longo do tempo: efeitos das características da escola e de intervenções escolares” à Comissão de Ética da Universidade Lusíada Norte – Porto; 2) contacto à Direção Geral de Educação de Portugal, garantindo as considerações éticas necessárias para a recolha de dados em escolas de todo o território nacional; 3) seleção de escolas e devida aceitação das mesmas para a participação no estudo; 4) confirmação da dimensão da amostra junto dos representantes de cada escola, matriculados no 7º ano de escolaridade; 5) recolha de dados realizada pelos professores responsáveis por cada turma; 6) envio, por parte da equipa de investigação de todos os protocolos de avaliação para cada escola, assim como o envio do consentimento informado para o representante legal de cada estudante; 7) envio dos protocolos por parte dos representantes de cada escola para a equipa de investigadores.

O segundo momento de recolha, entre maio e junho de 2020, seguiu os seguintes passos: 1) obtenção da autorização do Conselho de Administração das Universidades Lusíada; 2) desenvolvimento de novo procedimento de recolha de dados devido ao surgimento da pandemia COVID-19; 3) recurso a formulários on-line, através da plataforma Googleforms; 4) contato com as escolas envolvidas na recolha de dados no primeiro momento para avaliar a viabilidade de uma recolha on-line; 5) os professores responsáveis pela aplicação do formulário online enviaram o link para os estudantes que participaram no anterior momento de avaliação.

Todos os participantes contribuíram para este estudo tendo assinado o consentimento informado que descreve claramente o objetivo do estudo, o teor confidencial e a possibilidade de desistência sem prejuízo para o respondente.

Procedimento de análise de dados

Utilizando as bases de dados construídas pelo CIPD com os dados obtidos em dois momentos de recolha, foi realizada uma análise estatística de comparação de médias do mesmo grupo, a fim de observar a diferença entre as pontuações obtidas nos dois momentos, de modo a explorar o impacto da pandemia na variável satisfação com a vida, com recurso ao T-Teste para amostras emparelhadas. Foi também utilizada a estatística descritiva para caracterizar a amostra. Para tal foi utilizado o programa IBM SPSS Statistics (Versão 27).

Resultados

Esta investigação envolveu um total de 593 participantes, sendo que todos estes são de nacionalidade portuguesa com idades que variam entre os 13 e os 18 anos ($M=15.17$, $DP = 0.502$). Os participantes desta investigação dividem-se em género por 52.1% feminino ($N = 309$) e 47.9% masculino ($N = 284$). O estudo realizado contou com a participação de escolas

de todo o território nacional, sendo o nível de escolaridade de todos os participantes correspondente ao 7º ano.

Tabela 1

Características sociodemográficas dos participantes

Característica	<i>n</i>		<i>%</i>	
Nacionalidade				
Portuguesa	593		100.0	
Sexo				
Feminino	309		52.1	
Masculino	284		47.9	
Ano de escolaridade				
7º ano	593		100.0	
Reprovação				
Não	536		90.4	
Sim	57		9.6	
Escolaridade	Pai	Mãe	Pai	Mãe
1º ao 4º ano	77	46	13.0	7.8
5º ao 6º ano	132	126	22.3	21.2
7º ao 9º ano	145	128	24.5	21.6
10º ao 12º ano	101	130	17.0	21.9
Licenciatura	51	67	8.6	11.3
Mestrado	10	15	1.7	2.5
Doutoramento	4	10	0.7	1.7
Situação profissional	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Estudante	3	4	0.5	0.7
Empregado	515	458	86.8	77.2
Desempregado	21	67	3.5	11.3
Reformado	10	3	1.7	0.5
Rendimento Mensal Líquido				
<500	12		2.0	
500-800	76		12.8	
900-1200	83		14.0	
1300-1900	90		15.2	
2000-2900	48		8.1	
3000-3900	28		4.7	
4000-4900	12		2.0	
>5000	12		2.0	

Após a caracterização da população, procedeu-se à análise de diferenças na variável selecionada para este estudo nos dois momentos já anteriormente descritos. Assim sendo, a partir da tabela 2 podemos verificar que através do T-Teste, comparando o Momento 1

(M=4.78, DP=0.97) e o Momento 2 (M=5.08, DP=0.75), verificou-se uma diferença significativa, sendo que no Momento 2 a média do resultado total constatou-se superior.

Tabela 2

Médias e Desvio Padrão da Escala Breve de Satisfação com a Vida nos dois momentos

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Score Total do Momento 1	4.7815	0.96812
Score Total do Momento 2	5.0771	0.74691

Posteriormente foi testado o efeito das variáveis sociodemográficas sobre a variável em estudo, porém não foram identificadas diferenças significativas nos níveis de satisfação com a vida em função de nenhuma das variáveis analisadas.

Com estes resultados é possível concluir que h1 se confirma.

Discussão dos resultados

O objetivo principal do estudo foi descrever e analisar o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes. Especificamente foi investigada a variável do estudo em dois momentos, sendo que no primeiro momento (abril e junho 2019) foi considerada a análise da satisfação com a vida anterior à pandemia COVID-19, no segundo momento (maio e junho 2020) a análise reporta um plano de desconfinamento gradual, com ensino não presencial em vigor. Este estudo foi possível a partir de uma amostra representativa de adolescentes entre os 13 e os 18 anos, portugueses e a frequentar o 7º ano de escolaridade. O principal resultado mostra uma diferença estatisticamente significativa do momento 1 para o momento 2, confirmando que existe um impacto considerável da pandemia Covid-19 na satisfação com a vida em adolescentes, verificando-se assim a validade da hipótese1.

Contudo o resultado verificado não corresponde ao que poderia ser inicialmente esperado, na medida em que a análise das respetivas médias sugere uma melhoria

significativa na satisfação com a vida dos adolescentes inquiridos no estudo.

Globalmente o estudo revela a existência de uma repercussão da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida na vida destes adolescentes.

A satisfação com a vida é definida como uma avaliação cognitiva da positividade da vida como um todo ou em domínios específicos (Diener et al. 1999), sendo esta influenciada por fatores pessoais como traços de personalidade, temperamento, autoestima e controlo interno, bem como pelas relações familiares e de pares (Forste & Moore, 2012). A satisfação com a vida, além de importante por si só, reflete ou determina resultados adaptativos (Gilman & Huebner, 2006). Este componente do bem-estar subjetivo deve ser considerado importante e como fator protetor associado ao desenvolvimento ótimo nos adolescentes (Antaramian et al., 2008; Gadermann et al., 2010)

No presente estudo os resultados obtidos, indicaram-nos uma maior satisfação com a vida num momento pandémico em que foram impostas limitações diversas comparativamente a um momento anterior, onde não havia qualquer restrição ou condicionamentos, o que é de certa forma inesperado. Perante esta premissa é possível justificar, alicerçando em estudos anteriores, que a satisfação com a vida tem-se mostrado positivamente correlacionada com facetas importantes do funcionamento positivo da vida em adolescentes, como a autoeficácia (Fogle et al., 2002), autoestima e autoconceito (Bradley & Corwyn, 2004; Terry & Huebner, 1995), emoções positivas (Seligson et al., 2003; Suldo & Huebner, 2005), locus interno de controlo (Ash & Huebner, 2001; Dew & Huebner, 1994), e esperança (Gilman e Huebner 2006). Da mesma forma, a satisfação com a vida mostrou estar negativamente associada, em estudos já desenvolvidos anteriormente, a facetas do mau funcionamento da vida em adolescentes, como comportamento de internalização e externalização (Haranin et al., 2007; McKnight et al., 2002), depressão (Gilman et al., 2000; Greenspoon & Saklofske, 1997), rejeição interpessoal (Furr & Funder, 1998), comportamentos agressivos (Valois et al. 2001),

comportamentos sexuais de risco (Valois et al. 2002) e abuso de substâncias (Zullig et al. 2001). No entanto, os estudos sobre a satisfação com a vida entre crianças e adolescentes têm sido escassos, em comparação com a de adultos (Bender, 1997; Proctor et al.2009).

Para este estudo foi administrado a Escala Breve de Satisfação com a vida, tendo esta escala o objetivo de avaliar a satisfação dos indivíduos em diferentes domínios relevantes da sua vida de uma forma breve e subjetiva, existindo assim uma concordância entre ambas. A partir desta escala de avaliação foi possível verificar que a satisfação com a vida nos adolescentes pode ser melhorada significativamente mesmo em contexto de pandemia e com severas restrições.

O encerramento das escolas, os exames e provas adiados, a suspensão da conclusão de ciclos ou períodos escolares e o confinamento em casa causou uma interrupção nas rotinas, podendo gerar nos adolescentes medos, incertezas, ansiedades, distanciamento social dos pares ou amigos, aspetos que afetam a qualidade de vida e a satisfação com a vida, sendo esta utilizada como um indicador de bem-estar geral dos indivíduos (Diener et al., 1985), além de aumentar a vulnerabilidade em várias outras dimensões (OMS, 2020). Porém, embora os adolescentes tenham experimentado uma interrupção drástica da rotina devido ao fechamento de escolas e à ausência de atividades ao ar livre, eles podem não estar completamente isolados.

Como mostram alguns autores, existem experiências positivas narradas de convivência com o COVID-19, em que o lar adquire um sentido duplex na vida dos adolescentes: perda de autonomia, mas também lugar onde redescobrir a família como fator de proteção pela oportunidade de compartilhar atividades e de passar tempo juntos (Fioretti et al, 2020). Na maioria dos casos, os pais estão em casa. Nesse caso, alguns jovens podem não necessariamente vivenciar um sentimento evidente de solidão, pois podem compensar passando mais tempo com seus familiares e também aumentando o tempo gasto com as redes

sociais e a internet (Guessoum et al., 2020; Keles et al., 2020). Conforme argumentado por Guessoum et al. (2020), o tempo para a família está relacionado a menos sintomas de depressão em adolescentes. Porém a maioria dos pais teve que reorganizar suas vidas para lidar com o trabalho em casa. Como resultado, essa sobrecarga repentina colocou os pais perante quadros de ansiedade e stress exacerbados, aumentando potencialmente o risco dos jovens enfrentarem problemas emocionais e comportamentais (Crescentini et al., 2020).

Contudo os resultados adquiridos a partir do trabalho realizado por Fioretti et al. (2020), verificou-se que a família pode desempenhar um papel ativo na co-construção do que significa viver durante uma pandemia e pode fornecer suporte durante as experiências de perda, o que, como mostram os resultados, parece ser a questão mais representada nos adolescentes (Fioretti et al., 2020).

Dos poucos estudos realizados até à data, uma porção destes (Fioretti et al., 2020; Tang et al., 2021; Twenge et al., 2020) revelam resultados surpreendentemente bons durante a pandemia, relativamente ao impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida numa população jovem, suportando assim os resultados obtidos neste estudo.

Limitações

Este estudo padece de algumas limitações, nomeadamente ao nível das condições existentes nas escolas que participaram no estudo realizado, do momento 1 para o momento 2, havendo uma redução do número de escolas que participaram no segundo momento. Esta redução deve-se à existência de condições menos favoráveis em algumas das escolas participantes no primeiro momento que não puderam dar continuidade à recolha de dados no segundo momento.

Outra limitação presente prende-se com a necessidade de obter o consentimento informado assinado pelo encarregado de educação, que consistiu um critério de inclusão do estudo. Possivelmente terão sido os pais/cuidadores responsáveis dos jovens com maior

envolvimento na sua vida escolar aqueles que mais provavelmente cumpriram os critérios de participação exigidos, condicionando a amostra recolhida.

Ambas as limitações identificadas podem sugerir enviesamento no que concerne aos participantes do estudo.

Considerações éticas

Este estudo tem implicações éticas por envolver seres humanos, sendo, no entanto, todos os participantes voluntários. Implica também a recolha de dados pessoais, sendo que por esta razão solicitada a assinatura de uma declaração de consentimento informado onde está explícito os objetivos do estudo e procedimentos de recolha de dados. Nesta declaração, assegurou-se que toda a informação obtida seria usada, apenas e unicamente, para fins de investigação científica e académica. Acautela-se, de igual modo, estar garantida a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, assim como a identificação dos participantes. Tendo em consideração a idade dos mesmos, o consentimento informado foi enviado para o representante legal de cada estudante. Apenas os estudantes com consentimento informado assinado pelo seu representante legal foram autorizados a participar e preencher os questionários. Todos os participantes que deram o seu consentimento informado e os dados por estes partilhados foram devidamente salvaguardados para fins exclusivamente relacionados às investigações a decorrer no CIPD e dissertações de mestrado em Psicologia Clínica associadas a estas, respeitando o Regulamento do Parlamento Europeu e do Conselho (2016).

Conclusão

O presente estudo é um dos poucos num campo emergente na pesquisa psicológica que investiga o impacto da pandemia COVID-19 na satisfação com a vida em adolescentes, contribuindo assim para o alargamento do conhecimento deste tema.

Este estudo permitiu, através da Escala Breve de Satisfação com a Vida, verificar um

aumento global significativo na Satisfação com a Vida em adolescentes durante a pandemia Covid-19, comparativamente ao período anterior onde esta não se aferia. Vindo assim suportar a ideia que, de facto, a pandemia teve um impacto considerável na satisfação com a vida nos adolescentes. Todavia, não foi o efeito esperado. Apurou-se também que as variáveis sociodemográficas envolvidas não apresentaram diferenças significativas na variável estudada.

Este estudo fornece uma nova visão sobre a complexidade de um estado pandémico e suas repercussões negativas e positivas na satisfação com a vida em jovens, pois, apesar das restrições e limitações, estes possivelmente conseguiram fazer emergir características internas assim como fatores pessoais, qualidade dos ambientes domésticos, fatores situacionais, relacionamentos e estilo parental de forma a alcançar uma satisfação de vida na vida deles. Tal como define a literatura científica relativamente à necessidade de "criar coerência a partir do caos" (Fivush et al., 2003), é de considerar esta definição válida perante a globalidade de transformações a que estes jovens foram sujeitos.

Em suma, este estudo contribui para o corpo de conhecimento científico sobre o impacto da pandemia COVID-19 em adolescentes, podendo ser utilizado como base para futuras investigações sobre a satisfação com a vida durante um contexto pandémico, e sua relação com os valores detidos pelos indivíduos.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A., & Tróccoli, B. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- American Psychological Association (2015). *APA dictionary of psychology* (2nd ed.). Washington DC.
- Antaramian, S. P., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2008). Adolescent life satisfaction. *Applied Psychology*, 57, 112–126. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00357.x>
- Arita, B., García, N., Romano, S., & Félix, M. (2005). Indicadores objetivos y subjetivos de la calidad de vida. *Enseñanza e Investigación en Psicología*. 10(1).
- Ash, C., & Huebner, E. (2001). Environmental events and life satisfaction reports of adolescents: A test of cognitive mediation. *School Psychology International*, 22(3), 320–336. <https://doi.org/10.1177/0143034301223008>
- Bender, T. (1997). Assessment of subjective well-being during childhood and adolescence. In G. Phye (Ed.), *Handbook of Classroom Assessment: Learning, Achievement, and Adjustment* (pp. 195–225), Academic Press.
- Berryman, J., Hargreaves, D., Herbert, M. & Taylor, A. (2002). *A psicologia do desenvolvimento humano*. Instituto Piaget.
- Bradburn, N. M. (1969). *The Structure of Psychological Well-Being*. Oxford: Aldine.
- Bradley, R., & Corwyn, R. (2004). Life satisfaction among European American, African American, Chinese American, Mexican American, and Dominican American adolescents. *International Journal of Behavioral Development*, 28(5), 385–400. <https://doi.org/10.1080/01650250444000072>

- Campbell, A., Converse, P. E., & Rodgers, W. (1976). *The quality of American life: Perceptions, evaluations, and satisfactions*. Russell Sage Foundation.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no da adolescência* [Master's thesis, Universidade do Minho]. Repositório Institucional da Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/8410>
- Casas, F. (2010). El bienestar personal: Su investigación en la infancia y la adolescencia. *Encontros em Psicologia Social*, 5(1), 85-101.
- Cenkseven-Önder, F. (2012). Parenting styles and life satisfaction of Turkish adolescent. *Educational Research and Reviews*. 7(26), 577-584.
- Çivitçi, A. (2014). İlk ergenlikte öğrenci yaşam doyumu: Okul psikolojik danışma ve rehberlik hizmetleri açısından bir değerlendirme [A satisfação com a vida dos alunos no início da adolescência: Uma avaliação em termos de aconselhamento escolar]. *Millî Eğitim*, 43(202), 5-18.
- Çivitci, N., & Çivitci, A. (2009). Self-esteem as mediator and moderator of the relationship between loneliness and life satisfaction in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 47(8), 954-958. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.07.022>
- Claes, M. (1990). *Os problemas da adolescência*. Editorial Verbo.
- Cloninger, S. (2003). *Teorias da personalidade*. Martins Fontes.
- Crescentini, C., Feruglio, S., Matiz, A., Paschetto, A., Vidal E., Cogo P., & Fabbro F. (2020). Stuck outside and inside: An exploratory study on the effects of the COVID-19 outbreak on Italian parents and children's internalizing symptoms. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.586074>

- Cummins, R.A., Eckersley, R., Pallant, J., Vugt, J. & Misajon, R. (2003). Development of a national index of subjective wellbeing: The Australian unity wellbeing index. *Social Indicators Research*, 64, 159-190. <https://doi.org/10.1023/A:1024704320683>
- Dew, T., & Huebner, E. (1994). Adolescents' perceived quality of life: An exploratory investigation. *Journal of School Psychology*, 32(2), 185–199. [https://doi.org/10.1016/0022-4405\(94\)90010-8](https://doi.org/10.1016/0022-4405(94)90010-8)
- Diener E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542–575.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55(1), 34–43. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.34>
- Diener, E. (2006). Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. *Journal of Happiness Studies*, 7(4), 397–404. <https://doi.org/10.1007/s10902-006-9000-y>
- Diener, E. (2006). Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. *Applied Research Quality Life*, 1, 151–157. <https://doi.org/10.1007/s11482-006-9007-x>
- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 653-663. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.68.4.653>
- Diener, E., & Suh, M. (1997). Subjective well-being and age: An international analysis. In K. W. Schaie & M. P. Lawton (Eds.), *Annual review of gerontology and geriatrics*, Vol. 17. *Focus on emotion and adult development* (pp. 304–324). Springer Publishing Company.

- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75.
https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13
- Diener, E., Lucas, R. E., & Oishi, S. (2018). Advances and open questions in the science of subjective well-being. *Collabra: Psychology*, 4(1), 15.
<https://doi.org/10.1525/collabra.115>
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three Decades of Progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276>
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24, 25-41.
- Feng, L., Dong, Z., Yan, R., Wu, X., Zhang, L., Ma, J., & Zeng, Y. (2020). Psychological distress in the shadow of the covid-19 pandemic: preliminary development of an assessment scale. *Psychiatry Research*, 291.
<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113202> .
- Figueiredo, C., Sandre, P., Portugal, L., Mázala-de-Oliveira, T., Chagas, L., Raony, Í., Ferreira, E., Giestal-de-Araujo, E., Santos, A., & Bomfim, P. (2021). COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. *Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry*, 106. <https://doi.org/10.1016/j.pnpbp.2020.110171>
- Figuer, C., Casas, F., González, M., & Coenders, G. (2004). Satisfaction with life domains and salient values for the future: Data from children and their parents in five different countries. In W. Glatzer, S. von Below, & M. Stoffregen (Eds.), *Challenges for*

quality of life in the contemporary world. Advances in quality-of-life studies, theory and research (pp. 233–247) https://doi.org/10.1007/978-1-4020-2903-5_15

Fioretti, C., Palladino, B., Nocentino, A., & Menesini, E. (2020). Positive and negative experiences of living in COVID-19 pandemic: Analysis of Italian adolescents' narratives. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.599531>

Fivush, R., Hazard, A., Sales, J., Sarfati, D., & Brown, T. (2003). Creating coherence out of chaos? Children's narratives of emotionally positive and negative events. *Applied Cognitive Psychology*, 17, 1–19. <https://doi.org/10.1002/acp.854>

Fogle, L. M., Huebner, E. S., & Laughlin, J. E. (2002). The Relationship between temperament and life satisfaction in early adolescence: Cognitive and behavioral mediation models. *Journal of Happiness Studies* 3, 373–392.

<https://doi.org/10.1023/A:1021883830847>

Fonseca, A. (2004). *A psicologia e a psicopatologia da infância e da adolescência* (2ª ed.). Edições Universidade Fernando Pessoa.

Fonseca, H. (2005). *Compreender os adolescentes – Um desafio para pais e educadores* (3ª ed.). Editorial Presença.

Forste, R., & Moore, E. (2012). Adolescent obesity and life satisfaction: Perceptions of self, peers, family, and school, economics & human biology. *Economics & Human Biology*, 10(4), 385-394. <https://doi.org/10.1016/j.ehb.2012.04.008>

Furr, R., & Funder, D. (1998). A multimodal analysis of personal negativity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1580–1591. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.6.1580>

- Gadernann, A., Schonert-Reichl, K., & Zumbo, B. (2010). Investigating validity evidence of the satisfaction with life scale adapted for children. *Social Indicators Research*, 96(2), 229–247. <https://doi.org/10.1007/s11205-009-9474-1>
- Galinha, I. C. C., & Ribeiro, J. L. (2008). The structure and stability of subjective well-being: A structure equation modelling analysis. *Applied Research Quality Life* 3, 293–314. <https://doi.org/10.1007/s11482-009-9063-0>
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (2008). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes: Versão Portuguesa dos instrumentos Kidscreen 52*, ed. A.S. e Saúde. Fundação para a Ciência e Tecnologia, Faculdade de Motricidade Humana.
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: Em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia*, 12(1), 43-50. Recuperado em 19 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Gilman, R., & Huebner, E. S. (2000). Review of life satisfaction measures for adolescents. *Behaviour Change*, 17(3), 178-195. <https://doi.org/10.1375/behc.17.3.178>
- Gilman, R., & Huebner, E. S. (2003). A review of life satisfaction research with children and adolescents. *School Psychology Quarterly*, 8(2), 192-205. <https://doi.org/10.1521/scpq.18.2.192.21858>
- Gilman, R., & Huebner, E. S. (2006). Characteristics of adolescents who report very high life satisfaction. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), 293–301. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9036-7>

- Gilman, R., Huebner, E. S., & Funk, B. A. (2000). Cross-sectional and longitudinal psychosocial correlates of adolescent life satisfaction reports. *Canadian Journal of School Psychology*, 16(1), 53–64. <https://doi.org/10.1177/082957350001600104>
- Gori, A., Topino, E., & Fabio, A. (2020). The protective role of life satisfaction, coping strategies and defense mechanisms on perceived stress due to COVID-19 emergency: A chained mediation model. *PLOS ONE*, 15(11).
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242402>
- Greenspoon, P., & Saklofske, D. (1997). Validity and reliability of the multidimensional students' life satisfaction scale with Canadian children. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 15(2), 138–155. <https://doi.org/10.1177/073428299701500204>
- Guessoum, S., Lachal, J., Radjack, R., Carretier, E., Minassian, S., Benoit, L., & Moro, M. (2020). Adolescent Psychiatric disorders during the COVID-19 pandemic and lockdown. *Psychiatry Research*, 291. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113264>
- Haranin, E. C., Huebner, E. S., & Suldo, S. M. (2007). Predictive and incremental validity of global and domain-based adolescent life satisfaction reports. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 25(2), 127–138.
<https://doi.org/10.1177/0734282906295620>
- Haybron, D. M. (2008). *The Pursuit of Unhappiness: The elusive psychology of well-being*. Oxford University Press.
- Helliwell J. F., & Putnam R. D. (2005). The social context of well-being. *Philosophical Transaction of The Royal Society B*, 359(1449), 1435-46.
<https://doi.org/10.1098/rstb.2004.1522>

Holte, A., Barry, M. M., Bekkhus, M., Borge, A. I. H., Bowes, L., Casas, F., Friborg, O., Grinde, B., Headey, B., Jozefiak, T., Lekhal, R., Marks, N., Muffels, R., Nes, R. B., Røysamb, E., Thimm, J. C., Torgersen, S., Trommsdorff, G., Veenhoven, R., ... Zachrisson, H. D. (2014). Psychology of child well-being. In Ben-Arieh A., Casas F., Frønes I., Korbin J. (eds) *Handbook of child well-being*. Springer, Dordrecht.
https://doi.org/10.1007/978-90-481-9063-8_13

Huang, C., Wang, Y., Li, X., Ren, L., Zhao, J., Hu, Y., Zhang, L., Fan, G., Xu, J., Gu, X., Cheng, Z., Yu, T., Xia, J., Wei, Y., Wu, W., Xie, X., Yin, W., Li, H., Liu, M., ... Cao, B. (2020). Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *The Lancet*, 395(10223), 497–506. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30183-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30183-5)

Huebner, E. S. (1994). Preliminary development and validation of a multidimensional life satisfaction scale for children. *Psychological Assessment*, 6(2), 149–158.
<https://doi.org/10.1037/1040-3590.6.2.149>

Huebner, E. S. (1997). Life satisfaction and happiness. In G. Bear, K. Minke, & A. Thomas (Eds.), *Children's needs II: Development, problems, and alternatives*, 271-278. National Association of School Psychologists.

Huebner, E. S. (2004). Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents. *Social Indicators Research*, 66, 3–33.

Huebner, E. S. (2004). Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents. *Social Indicators Research*, 66, 3–33.
<https://doi.org/10.1023/B:SOCI.0000007497.57754.e3>

- Huebner, E. S., & Dew, T. (1996). The interrelationships of positive affect, negative affect and life satisfaction in an adolescent sample. *Social Indicators Research*, 38(2), 129–137. <https://doi.org/10.1007/BF00300455>
- Huebner, E. S., Suldo, S., Valois, R. F., Drane, J. W., & Zullig, K. (2004). Brief multidimensional students' life satisfaction scale: Sex, race, and grade effects for a high school sample. *Psychological Reports*, 94(1), 351–356. <https://doi.org/10.2466/pr0.94.1.351-356>
- Huppert, F. A., Baylis, N., & Keverne, B. (2005). *The science of well-being*. Oxford University Press.
- Keles, B., McCrae, N., & Grealish, A. (2020). A systematic review: The influence of social media on depression, anxiety and psychological distress in adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth*, 25(1), 79–93. <https://doi.org/10.1080/02673843.2019.1590851>
- Kesebir, P., & Diener, E. (2008). In pursuit of happiness: Empirical answers to philosophical questions. *Perspectives on Psychological Science*, 3(2), 117-125. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2008.00069.x>
- Keyes, C. L. M. (2002). The mental health continuum: From languishing to flourishing in life. *Journal of Health and Social Behavior*, 43(2), 207-222. <https://doi.org/10.2307/3090197>
- Keyes, C. L. M. (2006). Mental health in adolescence: Is America's youth flourishing? *American Journal of Orthopsychiatry*, 76(3), 395-402. <https://doi.org/10.1037/0002-9432.76.3.395>

- Langeveld, J. H., Koot, H. M., & Passchier, J. (1999). Do experienced stress and trait negative affectivity moderate the relationship between headache and quality of life in adolescents?. *Journal of Pediatric Psychology*, 24(1), 1–11.
<https://doi.org/10.1093/jpepsy/24.1.1>
- Lee, A., Mathis, A., Jobe, C., & Pappalardo, A. (2020). Clinically significant fear and anxiety of COVID-19: A psychometric examination of the coronavirus anxiety scale. *Psychiatry Research*, 290. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113112>
- Li, Z., Ge, J., Yang, M., Feng, J., Qiao, M., Jiang, R., Bi, J., Zhan, G., Xu, X., Wang, L., Zhou, Q., Zhou, C., Pan, Y., Liu, S., Zhang, H., Yang, J., Zhu, B., Hu, Y., Hashimoto, K., ... Yang, C. (2020). Vicarious traumatization in the general public, members, and non-members of medical teams aiding in COVID-19 control. *Brain, Behavior, and Immunity*, 88, 916–919. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.03.007>
- Lu, H., Stratton C., & Tang Y. (2020). Outbreak of pneumonia of unknown etiology in Wuhan, China: The mystery and the miracle. *Journal of Medical Virology*, 92(4), 401-402. <https://doi.org/10.1002/jmv.25678>
- Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 616–628.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.3.616>
- Maddux, J. E. (2018). *Subjective well-being and life satisfaction*. Psychology Press.
- Maria-Ioanna, A., & Patra, V. (2020). The role of psychological distress as a potential route through which procrastination may confer risk for reduced life satisfaction. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00739-8>

- McCullough, G., Huebner, E. S., & Laughlin, J. E. (2000). Life events, self-concept, and adolescents' positive subjective well-being. *Psychology in the Schools*, 37(3), 281–290. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1520-6807\(200005\)37:3<281::AID-PITS8>3.0.CO;2-2](https://doi.org/10.1002/(SICI)1520-6807(200005)37:3<281::AID-PITS8>3.0.CO;2-2)
- McKnight, C., Huebner, E. S., & Suldo, S. (2002). Relationships among stressful life events, temperament, problem behavior, and global life satisfaction in adolescents. *Psychology in the Schools*, 39(6), 677–687. <https://doi.org/10.1002/pits.10062>
- Oishi, S., Diener, E. F., Lucas, R. E., & Suh, E. M. (1999). Cross-cultural variations in predictors of life satisfaction: Perspectives from needs and values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(8), 980–990. <https://doi.org/10.1177/01461672992511006>
- Orben, A., Tomova, L., & Blakemore, S. (2020). The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 4(8), 634–640. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30186-3](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30186-3)
- Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 591(1), 25–39. <https://doi.org/10.1177/0002716203260078>
- Park, N., & Huebner, E. S. (2005). A cross-cultural study of the levels and correlates of life satisfaction among adolescents. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(4), 444–456. <https://doi.org/10.1177/0022022105275961>
- Pavot, W. G., Diener, E., Colvin, C. R., & Sandvik, E. (1991). Further validation of the satisfaction with life scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. *Journal of Personality Assess*, 57, 149-161. http://dx.doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_17

- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164–172. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.5.2.164>
- Pavot, W., & Diener, E. (2008). The satisfaction with life scale and the emerging construct of life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 3(2), 137–152. <https://doi.org/10.1080/17439760701756946>
- Pedraza, P., Guzi, M., & Tijdens, K. (2020). Life dissatisfaction and anxiety in COVID-19 pandemic. *JRC Technical Report*. <https://doi.org/10.2760/755327>
- Petito, F., & Cummins, R. (2000). Quality of life in adolescence: The role of perceived control, parenting style, and social support. *behaviour change*, 17(3), 196-207. <https://doi.org/10.1375/bech.17.3.196>
- Proctor, C., Linley, P. A., & Maltby, J. (2009). Youth life satisfaction measures: A review of the literature. *The Journal of Positive Psychology*, 4(2), 128-144. <https://doi.org/10.1080/17439760802650816>
- Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016 (2016). <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32016R0679>
- Rogowska, A., Kuśnierz, C., & Bokszczanin, A. (2020). Examining anxiety, life satisfaction, general health, stress and coping styles during COVID-19 pandemic in polish sample of university students. *Psychology Research and Behavior Management*, 13, 797-811. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S266511>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.141>

- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>
- Sampaio, D. (1996). *Vozes e ruídos - Diálogos com adolescentes* (7ª ed.). Caminho.
- Schwarzer, R., Knoll, N., & Rieckmann, N. (2004). Social support. In A. Kaptein & J. Weinman (Eds.), *Health Psychology* (pp. 158–181). Blackwell Publishing.
- Seligman, M. E. (2011). *Flourish: A visionary new understanding of happiness and well-being*. Free Press.
- Seligson, J. L., Huebner, E. S. & Valois, R. F. (2005). An investigation of a brief life satisfaction scale with elementary school children. *Social Indicators Research*, 73(3), 355–374. <https://doi.org/10.1007/s11205-004-2011-3>
- Seligson, J. L., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2003). Preliminary validation of the brief multidimensional students' life satisfaction scale (BMSLSS). *Social Indicators Research* 61, 121–145. <https://doi.org/10.1023/A:1021326822957>
- Sen, A. (2000). *Development as freedom*. Anchor Books.
- Silva, A., Matos, M., & Diniz, J. (2010). Idade, género e bem-estar subjectivo nos adolescentes. *Revista Portuguesa De Pedagogia*, (44-2), 39-60. https://doi.org/10.14195/1647-8614_44-2_3
- Šolcová, I., & Kebza, V. (2013). Circumstances of well-being among czech college students. In H. H. Knoop & A. D. Fave (Eds.), *Well-being and cultures: Perspectives from positive psychology*, 161-170. Springer.

- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. In S. Feldman and G. Elliott (Eds.), *At the Threshold: The developing adolescent* (pp. 255–276). Harvard University Press.
- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2004). Does life satisfaction moderate the effects of stressful life events on psychopathological behavior during adolescence?. *School Psychology Quarterly*, 19(2), 93–105. <https://doi.org/10.1521/scpq.19.2.93.33313>
- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2006). Is extremely high life satisfaction during adolescence advantageous?. *Social Indicators Research*, 78(2), 179–203. <https://doi.org/10.1007/s11205-005-8208-2>
- Suldo, S. M., Shaffer, E. J., & Riley, K. N. (2008). A social-cognitive-behavioral model of academic predictors of adolescents' life satisfaction. *School Psychology Quarterly*, 23(1), 56–69. <https://doi.org/10.1037/1045-3830.23.1.56>
- Suldo, S., & Huebner, E. S. (2005). Is extremely high life satisfaction during adolescence advantageous?. *Social Indicators Research*, 78(2), 179–203. <https://doi.org/10.1007/s11205-005-8208-2>
- Tang, Y. M., Chen, P. C., Law, K., Wu, C. H., Lau, Y., Guan, J., He, D., & Ho, G.T. S. (2021). Comparative analysis of student's live online learning readiness during the coronavirus (COVID-19) pandemic in the higher education sector. *Computers & Education*, 168. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2021.104211>
- Terry, T., & Huebner, E. S. (1995). The relationship between self-concept and life satisfaction in children. *Social Indicators Research*, 35(1), 39–52. <https://doi.org/10.1007/BF01079237>

- Twenge, J. M., Coyne, S. M., Carroll, J. S., & Wilcox, W. B. (2020). *Teens in quarantine: Mental health, screen time, and family connection*. Recuperado de The Wheatley Institution: <https://ifstudies.org/ifs-admin/resources/final-teenquarantine2020.pdf>
- Valois, R. F., Zullig, K. J., Huebner, E. S., Kammermann, S. K., & Drane, J. W. (2002). Association between life satisfaction and sexual risk-taking behaviors among adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 11(4), 427–440.
<https://doi.org/10.1023/A:1020931324426>
- Valois, R. F., Zullig, K., Huebner, E. S., & Drane, J. W. (2001). Relationship between Life satisfaction and violent behaviors among adolescents. *American Journal of Health Behavior*, 25(4), 353–366. <https://doi.org/10.5993/AJHB.25.4.1>
- Veenhoven, R. (1994). El estudio de la satisfacción con la vida. *Intervención Psicosocial*, 3 (9), 87-116.
- Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395, 945–947.
[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)
- World Health Organization. (2020). *Coronavirus disease 2019 (COVID-19): Situation report*, 78. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331719>
- Woyciekoski, C., Natividade, J., & Hutz, C. (2014). As Contribuições da Personalidade e dos Eventos de Vida para o Bem-Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 401-409.
- Ye, B., Wu, D., Im, H., Liu, M., Wang, X., & Yang, Q. (2020). Stressors of COVID-19 and stress consequences: The mediating role of rumination and the moderating role of

psychological support. *Children and Youth Services Review*, 118.

<https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105466>

Zhang, S., Wang, Y., Rauch, A., & Wei, F. (2020). Unprecedented disruption of lives and work: health, distress and life satisfaction of working adults in China one month into the COVID-19 outbreak. *Psychiatry Research*, 288.

<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112958>

Zullig, K. J., Valois, R. F., Huebner, E. S., Oeltmann, J., & Drane, J. W., (2001). Relationship between perceived life satisfaction and adolescents' substance abuse. *Journal of Adolescent Health*, 29(4), 279–288. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(01\)00269-5](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(01)00269-5)